

Ernest Hemingway

NA OUTRA MARGEM,
ENTRE AS ÁRVORES

tradução de
João Palma-Ferreira

LIVROS DO BRASIL

CAPÍTULO I

Partiram duas horas antes do nascer do dia e, de princípio, não foi necessário quebrar o gelo através do canal porque outros barcos tinham ido à frente. Em cada barco, na escuridão — não se podia vê-lo mas apenas ouvi-lo —, o barqueiro mantinha-se à popa com o seu longo remo.

O caçador estava sentado num tamborete amarrado ao topo de uma caixa que continha o seu almoço e os cartuchos, e as duas ou mais armas do caçador estavam apoiadas ao carregamento de caniços. Em qualquer parte, em cada barco, havia um saco com duas patas vivas, ou um pato e uma pata, e em cada barco havia um cão que se agitava e tremia inquieto ao som das asas dos patos que passavam por cima, no escuro.

Quatro dos barcos subiram o canal principal em direção à lagoa grande, para o Norte. Um quinto tinha já voltado para um canal lateral. Agora o sexto voltava para o Sul, para uma lagoa pouco profunda e já não havia gelo por quebrar.

Tudo era gelo que solidificara durante o súbito frio sem vento da noite. Era como borracha e dobrava-se perante o ímpeto do remo do barqueiro. Depois quebrava-se em lascas afiadas como uma vidraça, mas o barco fazia poucos progressos.

— Dê-me um remo — disse o caçador do sexto barco. Ergueu-se e espreguiçou-se cuidadosamente. Podia ouvir os patos passarem no escuro e sentir os movimentos inquietos do cão. Lá para o norte ouviu o ruído dos outros barcos a quebrar o gelo.

— Tenha cuidado — disse, da popa, o barqueiro. — Não volte o barco.

— Também sou barqueiro — disse o caçador.

Agarrou o remo que o barqueiro lhe estendia e voltou-o de modo a poder segurá-lo pela pá. Agarrando a pá, estendeu-se para a frente e mergulhou o cabo pelo gelo. Sentiu o leito firme da lagoa pouco profunda,

apoiou-se com toda a força na larga pá do remo, segurou-a com ambas as mãos e, primeiro despedaçando, depois empurrando até que a vara ficou bem à popa, impeliu o barco a quebrar o gelo. O gelo quebrava-se como folhas de vidro prateado à medida que o barco penetrava nele, e à ré o barqueiro empurrava o barco para a passagem que se abria.

Algum tempo depois, o caçador que trabalhava afanosamente e com firmeza, transpirando dentro das roupas pesadas que vestia, perguntou ao barqueiro:

— Onde está o barril?

— Ali para a esquerda. No meio da próxima baía.

— Posso dirigir-me para lá?

— Como quiser.

— O que é que quer dizer com isso, como quiser? Você conhece a água. Há água suficiente para nos levar lá?

— A maré está baixa. Como se poderá saber?

— Se não nos despachamos, nascerá o dia antes de lá chegarmos.

O barqueiro não respondeu.

Está bem, safado estúpido, pensou o caçador. Havemos de chegar lá. Fizemos dois terços do caminho e se estás preocupado por teres de quebrar o gelo para apanhar as aves, então ainda é um pouco pior.

— Deita-te a isso, bandido — disse ele em inglês.

— O quê? — perguntou o barqueiro em italiano.

— Eu disse para seguirmos. Em breve será dia.

O dia nasceu antes de se alcançar o barril de carvalho afundado no meio da lagoa. Estava circundado por um rebordo de terra em declive onde haviam plantado erva e juncos, e o caçador trepou para cima de tudo isso, sentindo as ervas geladas estalarem quando as pisou. O barqueiro tirou o misto de banco de atirador e caixa de cartuchos para fora do barco, e estendeu-a ao caçador, que se debruçou, e a meteu no fundo do grande barril.

O caçador, usando botas que lhe chegavam aos quadris e um velho casaco de combate com uma insígnia no ombro esquerdo, que ninguém compreendia, e marcas ligeiramente mais claras nos sítios de onde as

estrelas tinham sido retiradas, meteu-se dentro do barril e o barqueiro entregou-lhe as duas espingardas.

Ele colocou-as de encontro à parede do barril e pendurou entre elas o outro saco de cartuchos, em dois ganchos espetados nas paredes interiores do barril afundado. Pôs depois as espingardas de cada lado do saco de cartuchos.

— Há água? — perguntou ao barqueiro.

— Não há água — disse o barqueiro.

— Pode-se beber a água da lagoa?

— Não. É insalubre.

O caçador estava cansado por causa do trabalho violento que tivera a quebrar o gelo e a guiar o barco e sentia agora crescer nele a raiva mas conteve-se e disse:

— Quer que o ajude a quebrar o gelo e a tirar os caniços?

— Não — disse o barqueiro e atirou o barco selvaticamente contra a fina camada de gelo que estalou e fendeu à medida que o barco nela penetrava. O barqueiro começou a esmagar o gelo com a pá do remo e depois espalhou caniços para os lados e para a frente.

Ele tem um lindo génio, pensou o caçador. Também é um grande bruto. Eu trabalhei como um cavalo para chegar até aqui. Ele, tudo o que fez, foi arrastar-se. Que diabo pensa? É ou não é este o seu ofício?

Dispôs o banco de atirador de modo a obter a máxima oscilação para a esquerda e para a direita, abriu uma caixa de cartuchos, encheu os bolsos, e abriu outra caixa que estava no saco para que facilmente a pudesse alcançar. Diante dele, no ponto onde a lagoa brilhava com a aurora, estava o barco negro e o barqueiro alto e pesado esmagando o gelo com o remo, e atirando caniços pela borda fora como se estivesse a desembaraçar-se de qualquer coisa obscena.

Começava a despontar o dia, e o caçador podia ver através da lagoa a linha baixa do ponto mais próximo. Sabia que para lá desse ponto estavam dois outros postos de tiro e lá para longe havia mais um pântano e depois o mar alto. Carregou ambas as espingardas e verificou a posição do barco que espalhava os caniços.

Atrás dele ouviu o sussurro das asas que se aproximavam; agachou-se, agarrou com a mão direita a espingarda que estava à direita enquanto espreitava pela borda do barril, e depois ergueu-se para atirar aos dois patos que se precipitavam, asas prontas a pousar, descendo, negros, no céu cinzento e fusco, em linha oblíqua até aos caniços.

De cabeça baixa, apontou a espingarda bem para a frente do segundo pato e depois, sem ver o resultado do tiro, ergueu-a lentamente para a frente e para a esquerda do outro pato que para a esquerda se elevava e, quando disparou, viu-o dobrar-se no voo e tombar entre os caniços, no gelo quebrado. Olhou para a direita e viu o primeiro pato, como uma mancha negra, sobre o gelo. Sabia que tinha atirado cuidadosamente ao primeiro pato, muito para a direita de onde estava o barco, e ao segundo, para o alto, deixando-o subir, e para a esquerda para ter a certeza de que o barco ficava fora do campo de tiro. Fora um belo tiro duplo, disparado exatamente como devia ser, com total consideração e respeito pela posição do barco, e ele sentia-se muito bem enquanto voltava a carregar a arma.

— Oiça — gritou, do barco, o homem. — Não atire em direção ao barco.

Hei de ser um triste filho de uma cabra, disse o caçador de si para si. Hei de ser mesmo.

— Deite os caniços fora — gritou ao homem do barco. — Mas deite-os depressa. Eu não disparo até que todos eles estejam cá fora. Ou então só disparo em linha reta para o alto.

O homem no barco nada disse que se pudesse ouvir. Nem posso imaginar, pensou o caçador. Ele sabe como isto é. Ele sabe que me lanço ao trabalho ou a tudo o mais que apareça. Nunca atirei mais cuidadosamente a um pato em toda a minha vida do que atirei àquele. O que terá ele? Ofereci-me para o ajudar a tirar os caniços. Que o leve o diabo.

Agora, à direita, o barqueiro estava ainda a retalhar furiosamente o gelo e a espalhar os caniços com um ódio que mostrava em cada gesto que fazia.

Não o deixes estragar isto, disse para si próprio o caçador. Não pode haver muita caça com este gelo, a menos que o sol o derreta mais

tarde. Provavelmente só podes apanhar alguns patos, por isso não deixes que ele estrague isto. Não sabes quantas vezes mais poderás caçar patos e não deixes que alguém possa estragar isto.

Via o céu clarear para lá do ponto distante no pântano e, regressando para o barril afundado, relanceou a vista pela lagoa gelada e pelo pântano e viu, muito ao longe, as montanhas cobertas de neve. Como estava muito em baixo, nenhuma colina se mostrava e as montanhas erguiam-se abruptamente da planície. Quando olhou para as montanhas, pôde sentir a brisa no rosto e soube então que dali viria o vento, levantando-se com o sol, e que algumas aves surgiriam do mar quando o vento as perturbasse.

O barqueiro tinha acabado de descarregar os caniços. Estavam em dois molhos, um mesmo à frente e para a esquerda em direção ao ponto de onde o sol se ergueria, e o outro à direita do caçador. Soltou o pato que servia de isca que chapinhou a água.

— Não acha que seria melhor quebrar mais gelo junto às margens? — gritou o caçador ao barqueiro. — Não há bastante água para os atrair.

O barqueiro nada disse mas começou a despedaçar com o remo o recortado perímetro do gelo. Era desnecessário quebrar este gelo e o barqueiro bem o sabia. Mas o caçador não sabia isso e pensava, não o compreendo, mas não posso deixar que ele estrague tudo. Isto tem de ser assim e não posso permitir que ele estrague tudo. Cada vez que tu disparas pode ser o último tiro que dás e não é agora que eu vou permitir que um estúpido filho de uma cabra estrague tudo. Tem calma, rapaz, disse de si para si.